

Discipulado: o relacionamento entre Jesus e seus seguidores mais próximos

Julio Fontana*

1. O significado do termo “discípulo”

A forma com que Jesus escolheu para se relacionar com seus seguidores mais próximos foi o discipulado.

A retórica religiosa do cristianismo moderno, na maioria das vezes, nos leva a usar a palavra "discípulo" de forma um tanto vaga. No esforço de se mostrar pertinente, a oratória de púlpito e os devaneios teológicos tendem a empregar o termo "discípulo" em tantos significados ou em sentidos tão amplos quanto possíveis. Lucas, em Atos dos Apóstolos, estende o uso do termo "discípulo" a todos os cristãos de seu tempo. Os Evangelhos, no entanto, restringem-se a usar o termo somente àqueles que realmente seguiram¹ Jesus durante o seu ministério público.

Uma pergunta fica latente: O que quer dizer o termo discípulo?

Houaiss define discípulo como "aprendiz, aluno; aluno disposto a continuar o trabalho do seu mestre; seguidor de um ideal".² Ser um discípulo não é uma questão tão simples como a princípio possa parecer. Nós cristãos não podemos dizer apenas que "discípulo" significa "estudante" ou "aluno" e encerrar o assunto. O discipulado é uma instituição de suma importância para o ministério público de Jesus. Sem o discipulado talvez hoje não teríamos o cristianismo como uma religião de proporções universais, pois, foi essa forma de relação entre os cristãos e o seu Senhor – de total exigência – que fez com que a mensagem de Jesus alcançasse as pessoas e os lugares mais distantes do mundo antigo. Será que sem essa forma de relação tão intensa e exigente, o cristianismo, em menos de três séculos, teria se tornado a religião oficial do império romano? Será que por exigir tanto de seus membros (dedicação exclusiva) é que o cristianismo se expandiu tão rapidamente?

O termo "discípulo" aparece 72 vezes em Mateus, 46 em Marcos, 37 em Lucas e 78 em João. Em contraste, com exceção de Atos, com 28 ocorrências – jamais com referência aos discípulos durante o ministério de Jesus – a palavra "discípulos" está ausente do restante do Novo Testamento.

Como foi observado, a palavra "discípulo" não aparece nas epístolas de Paulo, nas outras epístolas do Novo Testamento, na epístola aos Hebreus e no livro de Apocalipse, "discípulos" não era a forma usual de os cristãos da primeira ou segunda gerações falarem entre si ou a respeito dos outros. Portanto, o termo "discípulos" nos Evangelhos não deve ser explicado como uma retroprojeção anacrônica³ da forma de falar dos membros da igreja primitiva para o tempo do ministério público de Jesus. O critério da descontinuidade⁴

* Graduando em teologia, reside no Rio de Janeiro.

¹ Brevemente falando podemos agrupar os que seguiam Jesus em três círculos concêntricos. O círculo externo incluía as multidões de curiosos que iam e vinham (esses não podem ser denominados discípulos); no círculo intermediário ficavam os discípulos, que Jesus escolhia pessoalmente para acompanhá-lo em suas jornadas (eram seguidores permanentes de Jesus, incluindo mulheres, as quais como podemos perceber nos Evangelhos eram muito mais devotas do que muitos homens); havia também o círculo mais íntimo que era composto de doze discípulos selecionados do círculo anterior (esses simbolizavam e iniciavam a grande reunificação das doze tribos de Israel no fim dos tempos).

² HOUAISS, Antônio. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004, p. 251.

³ Anacronismo, segundo Houaiss, é um "erro na datação de acontecimentos"; "atitude ou fato que não está de acordo com sua época" (Ibid., p. 41).

⁴ Critério utilizado para se descobrir a possibilidade de um dito remontar ou não ao próprio Jesus histórico. Esse critério

também se verifica nesse caso. Meier comenta que esse julgamento é corroborado pela total ausência ou rara ocorrência da palavra "discípulo" em grande parte dos mais antigos escritos cristãos fora do Novo Testamento (pais apostólicos).⁵

A palavra discípulo também não aparece em toda a Septuaginta, bem como nos deutero-canônicos e nos pseudepígrafos. John P. Meier observa que "o Antigo Testamento em grego não contém a palavra-chave (*mathētēs*) usada no século I d.C. para designar os discípulos de Jesus, da mesma forma que as Escrituras judaicas em hebraico e aramaico quase não apresentam a palavra-chave (*talmîd*) usada pelo menos a partir do século II d.C. como termo técnico para designar os discípulos dos rabinos".⁶

Somente em Fílon (c.a. 25 a.C – 50 a.D.) é que encontramos um autor judeu, escrevendo em grego, e que usa *mathētēs* em suas obras. Embora Filon por vezes (14 ocorrências em toda a sua obra literária – 12 volumes) use a palavra no sentido geral de um estudante, ou alguém que recebe instrução de um professor, é típico seu emprego de *mathētēs* dentro do contexto de sua concepção mística sobre a pessoa "perfeita" que recebe ensinamentos diretamente de Deus.⁷

Flávio Josefo (c.a. 37 – 100 a.D) a exemplo de Filon, também utiliza pouco o termo *mathētēs* (15 ocorrências em toda a sua obra literária – 10 volumes). Em Josefo a palavra tem o sentido geral de alguém que aprende com o exemplo do outro (Ant. 1.11.3 § 200). Mais importante, Josefo usa *mathētēs* para descrever várias figuras do Antigo Testamento, colocadas em uma relação mestre-discípulo. Meier comenta que "é revelador que o mais próximo paralelo judaico do século I que conseguimos encontrar para o uso de *mathētēs* nos Evangelhos com relação aos discípulos de Jesus venha dos escritos de Josefo, um judeu culto da Palestina que acabou imerso na cultura grego-romana, embora asseverasse (pelo menos já no fim da vida) ter sido um fariseu".⁸

Wilkins⁹ sustenta que no grego clássico é possível distinguir os seguintes significados de *mathētēs*:

1. Uso geral inicial: "aprendiz", "estudante diligente da matéria sob consideração";
2. Uso técnico, com um sentido de dependência direta de uma autoridade superior;
3. Uso técnico não específico: "adepto", alguém que adota o modo de vida de um meio cultural;
4. Sentido técnico-especializado: "aluno institucional".

Apesar desses significados se terem mantido no mundo helênico, ocorreu uma tendência de se usar *mathētēs* sobretudo no sentido de adepto de um filósofo, de um grande pensador do passado, ou de uma figura religiosa. Pode-se perceber que, para os primeiros cristãos de fala grega, *mathētēs* se adaptaria naturalmente aos devotados adeptos do grande mestre, Jesus.

O termo *talmîd* que, brevemente seria o termo técnico para um estudante da Torá entre os rabinos, também não ocorre nos escritos não-bíblicos descobertos em Qumran. Isso é estranho em vista da grande quantidade de escribas em atividade em Qumran e do intenso estudo das Escrituras. Mais estranho ainda é que, a ausência no hebraico e aramaico é acompanhada da ausência no grego, ou seja, nos registros pseudepígrafos que, como sabemos, são manuscritos datados entre o século II a.C. e o século I d.C.

enfoca palavras ou feitos de Jesus que não podem ser originários quer do judaísmo do seu tempo, quer da igreja primitiva.

⁵ MEIER, John Paul, *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico*, Vol 3, livro I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003, p. 55

⁶ Ibid., idem.

⁷ Ibid., p. 55, 56.

⁸ Ibid. p. 57.

⁹ WILKINS, *The Concept of Disciple*, pp. 11-32.

Podemos concluir também que ao que parece o uso maciço de *mathētēs* para os discípulos de Jesus nos quatro Evangelhos não seria nem uma projeção de um emprego encontrado no Antigo Testamento (massorético ou Septuaginta), na literatura intertestamental ou de Qumran, nem uma retroprojeção da designação usada comumente para crentes cristãos no século I d.C.

2. A essência do discipulado

"Ao vincular os Doze tão intimamente à sua pessoa e à sua missão, Jesus de fato fez desse grupo o exemplo vivo do que significava ser um discípulo".¹⁰

2.1. Paralelos de Relacionamentos Mestre-Discípulo

Será que Jesus teve discípulos? Essa é a primeira pergunta a qual devemos fazer no nosso estudo, verificar a existência histórica do discipulado.

Depois de estudar as grandes escolas do período grego-romano, R. Alan Culpepper¹¹ tenta isolar nove características das várias escolas que analisou:

1. Ênfase na amizade ou no companheirismo entre os discípulos;
2. Origens em um fundador reverenciado como sábio exemplar;
3. Ensinos e tradições do fundador prezados pelos discípulos;
4. Participação na escola, participação baseada na condição de discípulo do fundador;
5. Atividades comuns, tais como ensino, aprendizado, estudo e escrita;
6. Refeições comunais;
7. Regras práticas relativas à admissão, à permanência e à progressão na escola;
8. Algum grau de distância da sociedade;
9. Meios organizacionais de assegurar a existência continuada da escola.

Em seguida compará-las com a "escola" de Jesus e conclui que "a exigência absoluta deste, como condição para o discipulado, é a única nas antigas tradições escolásticas; em nenhuma outra tradição a exigência de compromisso é levada a um nível comparável".¹² Porém, Culpepper observa certo paradoxo na "escola" de Jesus, construída sobre as exigências tão cruéis. Muitas vezes, um grupo vivendo um *etos* (=hábito) radical em torno de um líder carismático pode ter limites rígidos, apartando-o dos que levam uma vida menos radical. No mundo antigo, tais limites eram em geral mais claras nas refeições comunitárias conduzidas por algum grupo religioso ou filosófico especial. Essas refeições representavam a camaradagem íntima e a vida compartilhada; por isso, eram com frequência vedadas a forasteiros. Era esse o caso, ao que parece, dos fariseus por volta do tempo de Jesus. Tanto nas refeições como na vida diária, Qumran levava ao extremo a separação exigida pela regras judaicas de pureza, criando uma comunidade em forma de seita na margem noroeste do mar Morto.

Tanto mais surpreendente, portanto, é uma prática característica de Jesus e seus discípulos (junto com os que o apoiavam sem deixar suas casas), a saber, a confraternização à mesa aberta a forasteiros, mesmo aos desprezíveis publicanos e pecadores. Comenta Meier que é justamente nesse ponto que Culpepper vê mais uma extraordinária diferença em relação às outras escolas da antiguidade, várias das quais também realizavam refeições comunais, mas apenas dentro do grupo. Destarte, contemplamos mais uma característica básica de

¹⁰ MEIER, op.cit., p. 161.

¹¹ *The Johannine Scholl* (SBLDS 26; Missoula, MT: Scholars, 1975), pp. 258-259.

¹² *Ibid.*, p. 225.

um verdadeiro discípulo de Jesus: ele não exclui os que são marginalizados pela sociedade, pelo contrário, os trazem para a comunhão à mesa.

Ao longo de todo o período greco-romano, várias figuras filosóficas e religiosas reuniram ao seu redor pessoas que poderiam ser classificadas como seguidores, partidários, estudantes ou discípulos. Tais públicos receptivos sorviam e cultivavam os ensinamentos de seu líder, iniciando assim a formação de várias tradições intelectuais ou religiosas, que eram então passadas de geração em geração. Algumas dessas "escolas" podem ser citadas: pitagóricos, platônicos, aristotélicos, epicuristas, estóicos, "escola de Qumran", "casa de Hilel", "escola de Fílon".

Não apenas as condições socioeconômicas, políticas e intelectuais de uma sociedade em particular, mas também o talento e impacto pessoal do grande mestre fundador moldavam a "escola" em contornos específicos. Como figura religiosa no período grego-romano, não é surpresa que Jesus tivesse algumas semelhanças com outros mestres filosóficos ou religiosos de seu tempo, notadamente no tocante a seu desejo de cercar-se de seguidores ou estudantes. Todavia, também não podemos ignorar as características distintivas dos discípulos reunidos em torno do Jesus histórico.¹³

A forma de relação mestre-discípulo mais próxima da instituída por Jesus é encontrada no Antigo Testamento. Não é por não aparecer o termo *talmîd* que não possuímos a relação mestre-discípulo figurada no Antigo Testamento. WilKins assinala apropriadamente que a realidade social de um relacionamento mestre-discipulado vai muito além do limitado vocabulário sobre o discipulado no Antigo Testamento¹⁴. Notamos que *talmîd* ocorre apenas em 1 Cr 25.8 referindo-se a um músico aprendiz estudando seu ofício. O adjetivo e substantivo verbal *limmûd* ("instruído", "habitado" e, como substantivo, "discípulo") ocorre seis vezes no Antigo Testamento, sempre na literatura profética. Otto Kaiser observa que "meus discípulos" em Is 8.16 se refere aos discípulos reunidos em torno do profeta Isaías, discípulos que ouvem e testemunham suas profecias¹⁵. Além da mera terminologia, a realidade social do relacionamento mestre-discípulo em Israel existia sob várias formas em círculos de profetas, escribas e sábios.

Devemos ressaltar também que havia muita semelhança entre Jesus e os rabinos judeus posteriores e seus discípulos. Shaye Cohen observa que "os discípulos dos rabinos do século II a.D. tinham muitas características em comum com os discípulos de Jesus. Os discípulos dos rabinos, como os de Jesus, estavam sempre com seu mestre". Cohen indica também a diferença vital entre Jesus e os rabinos, diz ele: "Jesus não era apenas um professor (...) era também um profeta e fazia curas, e as tradições a seu respeito claramente se originam em parte do relato bíblico sobre Elias e seu discípulo Eliseu. Em contraste, os rabinos do século II não afirmavam ser homens santos ou taumaturgos (...)"¹⁶.

Cohen, corretamente, aponta para Elias e Eliseu, pois essa relação é a que mais se parece com aquela mantida entre Jesus e seus discípulos. Elias, como sabemos, entre os profetas do Antigo Testamento é apresentado como:

- 1º) Um profeta e taumaturgo itinerante, atuando no Norte de Israel.
- 2º) Ele faz um chamado peremptório a outro indivíduo (Eliseu) para abandonar casa, família e o trabalho comum para segui-lo, servi-lo e, por fim, suceder-lhe no ministério do profeta.

¹³ Para conhecer mais profundamente as características de cada escola contemporânea a Jesus no mundo greco-romano bem como no judaísmo, ver Wayne A. Meeks, *O Mundo Moral dos Primeiros Cristãos*, São Paulo: Paulus, 1996, pp. 35-113.

¹⁴ WILKINS, op.cit., 43-91.

¹⁵ KAISER, Otto, *Isaiah 1-12* [OTL; Filadélfia: Westminster, 1972], p. 120.

¹⁶ COHEN, *From the Maccabees to the Mishnah*, 122.

Josefo, por exemplo, em sua autobiografia (Vida de Josefo, 2 §11,12) nos fornece algumas informações sobre as formas de discipulados os quais ele se submeteu durante a sua vida. Ele conta que por volta dos 16 anos de idade (c.a. 53-54 a.D.), ele decidiu sozinho adquirir algum conhecimento sobre os principais movimentos religiosos existentes no judaísmo da Palestina de seu tempo: os fariseus, os saduceus e os essênios. Além de experimentar cada um desses movimentos sucessivamente, ele ouviu falar de um asceta solitário judeu chamado *Bannus*, que praticava abluções rituais no deserto. Aparentemente por sua própria iniciativa, Josefo veio a ser seguidor zeloso e viveu com ele durante três anos. Por fim retornou a Jerusalém com a idade de 19 anos e começou a viver como fariseu. Todavia, pode se dizer que, nenhuma dessas formas de "discipulado" é semelhante àquela vista entre Jesus e seus discípulos.

Marcos, Q, a tradição especial de Lucas, João e Josefo, afirmam que João Batista tinha discípulos. Entretanto, existem algumas diferenças entre o discipulado de Jesus e o "discipulado"¹⁷ do Batista. Primeiro; João não exigiu nenhum tipo de discipulado. João, ao contrário de Jesus, não "chamava" os indivíduos diretamente para serem seus discípulos, nem exigia que vivessem por um período prolongado em um círculo ao seu redor. Segundo; a ampla maioria dos que eram batizados, retornavam aos seus lares e mesmo aqueles que optavam em permanecer ali algum tempo poderiam abandonar o grupo quando lhes aprouvesse. Os seguidores de João não compartilhavam dos momentos mais íntimos de João, ou seja, não havia um ensino integral, tanto por atos quanto por palavras.¹⁸

Pelos dados que foram mostrados acima, conclui-se que, antes da vida de Jesus, não encontramos nenhum autor judeu que fale de discípulos ao menos de forma semelhante aos que Jesus reúne em torno de si.¹⁹ Se o discipulado de Jesus é totalmente sem paralelos no mundo grego-romano contemporâneo a ele e a relação análoga mais próxima, aquela mantida entre Elias-Eliseu, não reflete todos os aspectos do discipulado de Jesus, então pergunta-se: "Quais eram os traços distintivos que definiam uma pessoa como discípulo de Jesus no sentido estrito?"

2.2. Quem pode ser discípulo de Jesus?

"qualquer de vocês que não renunciar a tudo o que possui não pode ser meu discípulo" (Lc 14.33).

Com sua mensagem Jesus dirige-se ao público, ao povo em geral. Mas para ele o estar voltado para o povo ainda não era o bastante. Nos Evangelhos vemos um grupo de pessoas que lhe eram mais próximas. Esse fato é esclarecedor para conhecermos sua personalidade, pois mostra que ele queria estar perto das pessoas, que não queria percorrer seu caminho como um grande solitário.

Na Igreja de hoje, Jesus se encontra mais solitário do que nunca. Muitos estão na multidão apenas como meros espectadores atônitos. Não estamos estabelecidos como sendo aquele grupo mais íntimo de Jesus, estamos afastados. Para haver aproximação só pelo discipulado isso é possível. A pergunta chave é: Quantos estão dispostos a ser discípulos de Jesus?

¹⁷ Creio que não podemos chamar aqueles seguidores que permaneciam temporariamente com o Batista de discípulos.

¹⁸ Meier crê que Jesus e alguns dos seus discípulos tenham sido discípulos de João Batista. Para saber mais sobre João Batista e sua relação com Jesus, ler o livro de John Paul Meier, *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico, vol II, livro 1*, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

¹⁹ Joachim Jeremias crê que o método de Jesus fazer discípulos não era novidade nos tempos do Novo Testamento. Diz ele que desde o século II antes de Jesus existiam entre as classes médias e pobres "santas comunidades" (*habûrot* em aramaico) ou os "companheirismos" dos fariseus. Elas se dedicavam à preparação dos alimentos para as sinagogas, à observância das prescrições litúrgicas. Também existiam as comunidades monásticas (não celibatárias) dos essênios. Alguns grupos se caracterizavam por seu estrito apego à letra da lei. Eram, portanto, comunidades fechadas, cujas doutrinas, ao menos no caso dos fariseus, eram condenadas por Jesus como sendo letra morta.

Veremos quais são as exigências do discipulado afim de que possamos "calcular o preço" (Lc 14.28) e decidir qual atitude tomaremos.

2.2.1. O chamado ao discipulado

a) Somente Jesus pode chamar ao discipulado

Uma das características mais evidentes no discipulado de Jesus é o fato de ele próprio chamar seus discípulos – esse é um direito exclusivo e personalíssimo de Jesus.²⁰ Analisando os casos paralelos de relação mestre-discípulo do mundo greco-romano, bem como no próprio judaísmo, não presenciamos nenhum caso similar ao discipulado de Jesus, onde o mestre escolhe seu próprio aluno. Sócrates, por exemplo, ia por toda parte persuadindo a todos (Apologia, XVI), Josefo que escolhe seus mestres e a quem seguir (Vida de Josefo, 2 §11,12), e João Batista jamais exigiu um discipulado. Joachim Gnilka observa que o fato de Jesus mesmo tomar a iniciativa de chamar seu discípulo, faz com que sua forma de discipulado se distancie das praticadas pelos rabinos. A relação mestre-discípulo entre os rabinos judeus, diz Gnilka, o discípulo quem escolhia seu mestre, por via de regra aquele quem esperava aprender mais, podendo também passar para outro, e como Jesus se deixa associar à idéia profética do seguimento. Não é porque Jesus fosse um rabino conhecido que o seguimento se inicia e se torna possível, mas porque ele chama na plenitude do seu poder carismático. O caráter único deste seguimento se expressa em que no caso de Elias não é o profeta quem chama mas em última análise é Deus, o que é representado pelo ato simbólico de lançar o manto sobre quem é chamado (cf. 1 Rs 19.19-21). Em Jesus falta um símbolo deste tipo. Ele chama por sua palavra.²¹

John Meier observou que em várias fontes diferentes dos Evangelhos, Jesus sempre toma iniciativa de chamar as pessoas para segui-lo. O chamado de Jesus é peremptório (=decisivo), dirigido a pessoas que não tomaram a iniciativa de pedir para segui-lo. O ser humano que foi chamado abandona tudo quanto tem, não para fazer algo que tenha valor especial, mas simplesmente por causa daquele chamado, porque, de outro modo, não pode seguir os passos de Jesus. A esse ato não se atribui o menor valor. Uma vez chamada para fora, a pessoa tem que abandonar a existência anterior; tem que simplesmente "existir" no sentido rigoroso da palavra. O que é velho fica para trás, totalmente abandonado. O discípulo é arrancado de sua relativa segurança de vida e lançado à incerteza completa; de uma situação previsível e calculável para dentro do imprevisível e fortuito; do domínio das possibilidades finitas para o domínio das possibilidades infinitas.²²

O melhor exemplo de chamado ao discipulado é aquele onde Jesus comissiona Mateus para ser seu discípulo. Jesus viu Mateus sentado diante da mesa dos impostos e disse-lhe: "Segue-me". Mateus se levantou e o seguiu. Esse chamado é muito semelhante com os comissionamentos dos profetas do Antigo Testamento (cf. Gen 22.1; Êx 3.4; 1 Sm 3.4; Is 6.8; Jr 1.4,5; Ez 2.1-8; Os 1.2; Am 7.15; Jn 1.1,2). A resposta dos chamados não foi outra que essa: "Eis-me aqui" (Gen 22.1; Êx 3.4; 1 Sm 3.4,6,8).

Existe uma situação em Q onde um homem declara a Jesus que irá segui-lo, entretanto, Jesus lhe mostra que a condição de que, ser um de seus seguidores não é uma atividade gloriosa. O entusiasmo suscitado pelo ensinamento e pelos milagres não deve iludir, pois o seguimento de Jesus é exigente. Em suma: a resposta de Jesus chama a atenção do entusiasta para o fato de que este não sabe o que faz.

²⁰ Diferente pensa H. W. Kuhn, in: *Nachfolge*. Ele diz que existe três formas de vocação nos Evangelhos (tipo marcano: Jesus chama seus discípulos diretamente; tipo Fonte de Ditos: o seguimento ocorre a partir de uma decisão de Jesus; tipo joanino: as pessoas entram no seguimento de Jesus pela mediação de outras pessoas). Kuhn faz uma abordagem diferente da que propomos nesse artigo. No decorrer desse estudo o leitor pode notar que as condições e características do discipulado as quais ressaltamos são todas elas fundamentadas nos critérios de historicidade. Portanto, ditos isolados não foram considerados no nosso estudo.

²¹ GNILKA, Joachim, *Jesus de Nazaré: mensagem e história*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000, p. 156s.

²² BONHOEFFER, Dietrich, *Discipulado*. São Leopoldo/RS: Editora Sinodal, 8ª edição, 2004, p. 20.

Quando andavam pelo caminho, um homem lhe disse: "Eu te seguirei por onde quer que fores". Jesus respondeu: "As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça" (Lc 9.57,58).

Outro detalhe nessa passagem que o homem oferece-se, ele próprio, para seguir a Jesus, ou seja, não foi chamado. Observa Bonhoeffer que ninguém pode chamar-se a si próprio. O abismo entre a oferta espontânea ao discipulado e o verdadeiro discipulado continua aberto.²³

Marcos, Q e L e João nos proporcionam uma adequada múltipla confirmação de um elemento básico do discipulado: *para tornar-se um discípulo de Jesus, é preciso partir deste a iniciativa de emitir uma ordem imperativa para segui-lo.* Meier observa que o hábito de Jesus tomar a iniciativa e chamar discípulos para segui-lo em sentido literal não era exclusivo dele entre os mestres judeus na Palestina do século I d.C., entretanto, pode-se afirmar que o modo de Jesus conquistar discípulos parece ter sido incomum, se não único, no judaísmo da Palestina do seu tempo.

b) O chamado sem oposição

Soa o chamado, e imediatamente segue o ato obediente da pessoa que foi chamada. A resposta do discípulo não é uma confissão oral da fé em Jesus, mas sim um ato de obediência (Dietrich Bonhoeffer).

O chamado de Jesus não admite oposição nem demora, sejam quais forem as circunstâncias. O ser humano que foi chamado larga tudo quanto tem, não para fazer algo que tenha valor especial, mas simplesmente por causa daquele chamado, porque, de outro modo, não pode seguir os passos de Jesus. A esse ato não se atribui o menor valor²⁴. Seguir Jesus não possuía valor nenhum perante a sociedade israelita, pelo contrário, seus discípulos eram vistos com olhos da desconfiança e sempre eram repelidos de qualquer convívio social.

O chamado ao discipulado não admite demora em razão do reino de Deus estar próximo (cf. Mt 10.7). A tradição Q nos mostra essa característica do chamado de Jesus em Mt 8.21,22//Lc 9.59,60.

A outro disse: "Siga-me". Mas o homem respondeu: "Senhor deixa-me ir primeiro sepultar meu pai". Jesus lhe disse: "Deixe que os mortos sepulem seus próprios mortos; você, porém, vá e proclame o Reino de Deus" (Lc 9.59,60).

Notamos que, muito por alto, a objeção lembra a vocação de Eliseu, só que lá tratava-se unicamente de despedir-se de pessoas vivas (1 Rs 19.20, compare com Lc 9.61s.). Mesmo assim podemos considerar esse dito²⁵ como totalmente descontínuo, não só ao mundo judeu, bem como a todo mundo greco-romano. Essa exigência, "deixe que os mortos sepulem seus mortos" não aparece de novo no Novo Testamento e não é apresentada como obrigação imposta aos cristãos no restante da literatura cristã primitiva. Meier comenta que esse dito é chocantemente descontínuo com a moralidade fundamental tão cara tanto a judeus como a cristãos (ver Gen 35.29; Tb 14.10-13). Tanto Hengel como Sanders, pelo critério da descontinuidade, defendem a autenticidade do lógio. O enterro digno dos mortos por parentes ou amigos próximos [em especial o filho do falecido era uma das mais sagradas obrigações, reconhecida em todo o antigo mundo mediterrâneo. Louvada pela devoção judaica, era uma das mais importantes expressões práticas da obediência ao quarto mandamento

²³ Ibid., p. 22.

²⁴ Ibid., p. 20.

²⁵ O significado da resposta do homem o qual pediu primeiro para sepultar o pai, pode ser de que seu pai ainda estivesse vivo e não queria desapontá-lo por seguir a Jesus. O Evangelho de Tomé traz essa idéia.

do Decálogo ("honra teu pai e tua mãe"). Parece não ter havido rejeição a essa obrigação de um enterro decente nas práticas cristãs primitivas – mesmo quando o morto não era um parente²⁶].

Uma tradição de Lucas aborda o mesmo ponto:

Ainda outro disse: "Vou seguir-te Senhor, mas deixa-me primeiro voltar e despedir-me da minha família". Jesus respondeu: "Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus".(Lc 9.61,62).

Gnilka expõe idéia diferente da que mostramos acima. Ele afirma que o ponto crucial desta palavra aparece com plena nitidez quando se atenta que se está falando aqui de mortos em dois níveis de compreensão diferentes. Uma vez são os fisicamente mortos, como o pai que o filho deseja sepultar. Da outra são os espiritualmente mortos, que morreram porque não se dispuseram ou não se dispõem para receber a mensagem salvífica de Jesus. Ao avaliar essas duas espécies de morte, para Jesus a segunda é mais grave. Por isso o jovem homem deve fazer o que é mais necessário, e isto sem demora.²⁷

2.3. Seguindo Jesus Fisicamente – abandonando o lar

Seguir Jesus não era uma simples metáfora para absorver e praticar seus ensinamentos. Ele chamava as pessoas para segui-lo literal e fisicamente, enquanto realizava várias jornadas de pregação na Galiléia, na Judéia e em regiões circunvizinhas. Meier observa que "não era possível seguir Jesus simplesmente ficando em casa e estudando seus ensinamentos, ou freqüentando sua escola e assistindo às suas palavras ao estilo Ben Sira. A própria idéia de que tornar-se um aluno significava abandonar laços familiares e posses em nome de um ministério itinerante seria contrária ao etos de Ben Sira, que inculcava em seus estudantes os deveres de um filho para com pai e mãe e recomendava a sábia fruição dos bens de cada um (p. ex. Eclo 3.1-16; 7.27-28; 14.11-16; 31.8-11)".²⁸ Bonhoeffer comenta que "ser discípulo significa dar determinados passos. O primeiro passo que segue ao chamado separa o discípulo de sua existência anterior. Assim, o chamado ao discipulado cria imediatamente uma nova situação²⁹. Permanecer na situação antiga e ser discípulo é impossível".³⁰ Como já vimos, não existe paralelo no mundo greco-romano para essa característica do discipulado de Jesus.

O chamado peremptório de Jesus para que o seguissem ficava aberto não apenas geográfica, mas também temporalmente. Não estabelecia nenhum limite tempo à obrigação de segui-lo. Não havia um programa de estudos que, uma vez completado, liberasse um discípulo do constante acompanhamento a Jesus. Tornar-se seu discípulo não era um compromisso temporário, após o qual a pessoa podia esperar ser promovida à igualdade com Jesus. Isso difere muito do relacionamento normal de um estudante rabínico com seu mestre. O objetivo de um discípulo rabínico, ao se tornar aluno de um rabino famoso, era aprender a sua sábia e fiel interpretação da Torá, transmitida não só pela instrução oral do mestre (cuidadosamente repetida e memorizada), mas também por sua conduta diária (observada ao participar da vida da família). Em geral, esperava-se que essa vida de discípulo fosse uma etapa transitória. Quando o estudante completasse seu período de instrução da Torá, estaria livre para deixar seu mestre e iniciar sua própria carreira.³¹

²⁶ MEIER, op.cit., p. 109.

²⁷ GNILKA, op. cit., p. 159.

²⁸ MEIER, op.cit., p. 69.

²⁹ O Evangelho de Tomé traz um dito que aponta para essa mesma idéia.

³⁰ BONHOEFFER, op.cit., p. 24.

³¹ MEIER, op.cit., p. 69.

Segundo o Evangelho de Lucas (9.59-62), Jesus chamava discípulos, não para estudar a Torá, mas para experimentar e proclamar o reino de Deus – atividades que aparentemente os prendiam a ele e à sua mensagem por um futuro indeterminado. Voltar atrás daquele chamado – o que seria equivalente a desistir de seguir Jesus – era mostrar-se inapto para o reino. Uma vez que um discípulo atendesse ao chamado, aos olhos de Jesus não era mais livre para "cair fora".³²

2.4. Riscos de Perigos e Hostilidades

Os custos imediatos de seguir Jesus fisicamente eram óbvios: deixar casa, família e trabalho. Além disso, Jesus aparentemente advertia seus discípulos que hostilidades e perigos poderiam estar reservados a eles no futuro, assim como a ele próprio. Meier comenta que felizmente, quando perguntamos se o Jesus histórico na realidade ensinava a seus seguidores que o discipulado viria ao alto preço de hostilidade e sofrimentos, temos mais do que conjecturas genéricas em que nos basear. A abundante múltipla confirmação de fontes demonstra que Jesus de fato alertou seus discípulos do terrível e possivelmente fatal custo de segui-lo.³³

a) Salvar ou perder a vida

Pois quem quiser salvar sua vida, a perderá, mas quem perder a sua vida por minha causa e pelo evangelho, a salvará (Mc 8.35).

Pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá, mas quem perder a sua vida por minha causa, este a salvará [e encontrará] (Lc 9.24//Mt 16.25).

Aquele que ama a sua vida a perderá; ao passo que aquele que odeia a sua vida neste mundo, a conservará para a vida eterna (Jo 12.25).

Conforme observa Taylor, "poucas palavras de Jesus são tão bem atestadas como essa". Meier conclui que Jesus nessas passagens está falando de salvar ou perder toda a vida ou existência de alguém, e não de "salvar alma".³⁴ A mensagem basicamente é essa: um discípulo que se agarra egoísta ou covardemente à vida presente como a um bem definitivo perderá o bem definitivo da verdadeira vida no reino de Deus, ao passo que aquele que voluntariamente arrisca (ou na realidade sofre) a perda da vida presente salvará/conservará/achará a vida verdadeira no reino. O discipulado significa a renúncia à antiga vida, com todos os seus laços, seguranças e expectativas, se o discípulo quiser achar ou conservar a nova forma de vida que será possível com o advento do reino de Deus.

Antes de decidirmos dar um primeiro passo em direção ao discipulado, devemos estar conscientes dos custos. Jesus diz isso através de parábolas (cf. Lc 14.28-33). Jesus não queria um compromisso irresponsável que só esperasse receber bençãos, portanto, assim como um construtor estima custos ou um rei avalia forças militares, assim como também cada pessoa deve considerar o que Jesus espera dos seus seguidores. Caso não haja essa reflexão pode ocorrer que o sal perca o sabor, não servindo conseqüentemente para nada (cf. Lc 14.34).

³² Ibid, p. 70

³³ Ibid., idem.

³⁴ Ibid., p. 79.

b) Negando-se a si mesmo e tomando a cruz

Ser crucificado é sinônimo de sofrer e morrer rejeitado e repudiado por força da necessidade divina (Bonhoeffer, Discipulado, p. 44).

E quem não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim (Mt 10.38).

E aquele que não carrega sua cruz e não me segue não pode ser meu discípulo (Lc 14.27).

Se alguém quiser seguir após mim (opisō mou akolouthēin), negue-se a si mesmo, tome (aratō) a sua cruz e siga-me (Mc 8.34 – Meier).

John Paul Meier analisando o dito contido no Evangelho de Marcos observa que a estrutura da fala apresenta um inteligente uso de inclusio ("terminar como começou") e de quiasma (um padrão de entrecruzamento A-B-B'-A'). O início e o fim da fala mencionam o objetivo que o futuro discípulo pretende: seguir Jesus. A aparente redundância do verbo "seguir" na realidade é proposital, conduzindo da intenção inicial ("se alguém quiser seguir após mim") à realização do objetivo ("siga-me"). Inseridos entre as duas referências à ação de seguir estão os dois meios ou modos para se chegar ao objetivo.

É preciso "negar-se a si mesmo", "repudiar totalmente os próprios interesses" (aparnēsasthō heauton), em outras palavras, dizer "não" a si mesmo e ao próprio ego como norma e objetivo definidos da vida. Intensificando de modo proposital a idéia negativa desse primeiro meio, Jesus acrescenta a chocante e repulsiva imagem de um criminoso condenado, nu, sendo forçado a tomar a trave horizontal de sua própria cruz e carregá-la até o local da execução (onde o braço vertical ficava permanentemente) fixo. Desde o tempo dos Macabeus e, sobretudo, sob os governos romanos, a experiência concreta dos inúmeros crucificados que tinham de carregar sua cruz até o lugar do suplício constituía uma experiência infausta e corriqueira. Nenhum símbolo mais horrível e repulsivo de alguém ter de dar adeus a toda vida (incluindo bens e meios de sustento), a todo um passado (com todos os vínculos familiares) e a todo um futuro (com todos os seus planos e projetos) poderia ser imaginado por um judeu da Palestina no século I, que estava bastante familiarizado com esse tipo de execução. A total perda de controle sobre sua própria vida (na verdade, até sobre as funções corporais em público) se tornava tanto mais apavorante pela vergonha e zombaria que acompanhavam essa morte lenta e dolorosa.³⁵

Seguir Jesus é dizer não a si mesmo como o centro da existência ("negar-se a si mesmo") com uma severidade tão radical, que esse compromisso poderia ser igualado à mais horripilante e humilhante das mortes ("tomar a sua cruz"). Meier comenta que somente quando se aprecia a força desses dois "meios" para o discipulado, colocados entre as duas ocorrências do verbo "seguir", é possível sentir o choque da segunda ocorrência, que representa o clímax, e então exprime uma ordem peremptória: "Se alguém quiser seguir-me [isto é, tornar-se meu discípulo], que primeiro diga não à sua vida inteira e [metaforicamente] arraste sua cruz para a vergonhosa execução pública, e [assim, passando por essa morte de toda a sua vida anterior] siga-me [como meu discípulo]"³⁶. Gnilka explica que a metáfora empregada por Jesus embora o seu entendimento incluísse a prontidão para o martírio não se limitava a isto, incluía também a hostilidade, desprezo, restrições,

³⁵ Jesus muitas vezes usava símbolos chocantes para inculcar sua mensagem (p. ex. Mt 19.12: "E há eunucos que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus"), mas nenhum poderia ser mais chocante do que esse. O objetivo é claro: os que pensam que querem seguir Jesus como discípulos devem avaliar os custos antecipadamente com fria sobriedade; não há caminho fácil para o discipulado.

³⁶ MEIER, op.cit., p. 80.

sofrimento. Embora fosse uma palavra de alerta, permite concluir que já no tempo de Jesus, e mais precisamente então, seguir a Jesus não colocava a pessoa numa estrada triunfal.³⁷

Bonhoeffer observa que a cruz já está preparada desde o início; falta apenas levá-la.³⁸ Muitos acham que tem que sair por aí a procura de uma cruz qualquer, seja onde for, ou que deve procurar voluntariamente o sofrimento, Jesus diz que existe uma cruz já preparada para cada um de nós, uma cruz a nós destinada e atribuída por Deus. Cada qual tem que suportar a medida de sofrimento e rejeição que lhe é reservada. Essa medida varia de pessoa para pessoa, pois a um Deus honra com maior sofrimento, dando-lhe, inclusive, a graça do martírio; a outro, porém, não permite que seja tentado além de suas forças. No entanto, a cruz é uma só.

A cruz é imposta a cada crente. O primeiro sofrimento com Cristo, ao qual ninguém escapa, é o chamado que nos separa para fora das vinculações com o mundo. É a morte do velho ser humano no encontro com Jesus Cristo. Quem entra no discipulado entrega-se à morte de Jesus, expõe sua vida à morte. Isso é assim desde o princípio; a cruz não é o fim horrível de uma vida piedosa e feliz, mas se encontra no começo da comunhão com Jesus Cristo. Todo chamado de Jesus conduz à morte.³⁹

Como, porém, saberá o discípulo qual é a sua cruz? Ele a receberá ao entrar no discipulado do Senhor sofredor; na comunhão de Jesus, reconhecerá sua cruz. O sofrimento é, pois, a característica dos seguidores de Cristo. O discípulo não está acima de seu mestre (Mc 8.31 par.).

Mas a graça barata não promete isso! Ela diz que o cristão será próspero, que será curado de suas enfermidades, que Deus não o quer para ser cauda e sim cabeça (não é o que Jesus ensina em Jo 13.14-17).

Além de repetir a forma da fala em Marcos (Mt 16.24//Lc 9.23) com ligeiras variações, Mateus e Lucas também preservam uma forma de Q para esse lógio, apesar de divergirem um pouco nas palavras.⁴⁰ O Q confirma o sentido do dito o qual se resume basicamente à uma advertência para seus discípulos (e candidatos) da absoluta seriedade de segui-lo e das graves conseqüências que eles poderiam enfrentar.

c) Enfrentando hostilidade da família

Jesus dizia a todos: "Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me" (Lc 9.23)

Nem todo sofrimento e toda oposição de que Jesus falava viriam de estranhos ou das autoridades. Uma parte muito prática da cruz que Jesus prometia a seus discípulos era a discórdia com famílias e parentes, provocada pelo fato de eles literalmente o seguirem através da Palestina. No mundo mediterrâneo, antigo e também moderno, o governo em grande escala é normalmente inimigo, o mal necessário que deve ser mantido a distância. Aquilo em que se confia, com que se conta e para que se contribui de bom grado é a família ampliada de cada um, a rede de segurança primária na sociedade campesina. A antiga sociedade mediterrânea era, em grande parte, uma sociedade de "personalidade diádica", onde se formava e se mantinha a identidade de um indivíduo com relação a outros da sua unidade social – sendo esta última, em geral, a família ampliada. Dar adeus, por um período indefinido, aos vínculos de proteção emocional e financeira, rejeitar o único "grupo de opinião" cuja palavra todos os dias afetava a vida de seus membros, tomar o caminho escandaloso de abandonar família e trabalho em uma sociedade regida pelo binômio honra-vergonha – tudo isso tornava difícil a opção para o camponês judeu comum da Galiléia ou da Judéia, fosse homem ou (especialmente) mulher. *A priori*, portanto, seria de esperar que Jesus alertasse seus seguidores desse preço realista do

³⁷ GNILKA, op.cit., p. 161.

³⁸ BONHOEFFER, op.cit., p. 46.

³⁹ Ibid., p. 46s.

⁴⁰ Para uma discussão detalhada das diferenças apresentadas por Mateus e Lucas, ver Meier, op.cit., p. 81s.

discipulado. Com efeito, existe múltipla confirmação – de novo em Marcos e Q – de que ele falou a seus discípulos sobre o custo doméstico de segui-lo.

Pedro então lhe disse:

– Vê: nós deixamos tudo e te seguimos.

Jesus respondeu:

– Todo aquele que deixar casa ou irmãos ou irmãs ou mãe ou pai ou filhos ou campos por causa de mim e por causa da boa notícia, há de receber nesta vida cem vezes mais em casas e irmãos e irmãs e mães e filhos e campos, com perseguições, e no mundo futuro vida eterna (Bíblia do Peregrino).

Então Pedro lhe respondeu:

– Vê: nós deixamos tudo o que é nosso e te seguimos.

Jesus lhes disse:

– Eu vos asseguro que vós, que me tendes seguido, no mundo renovado, quando o Filho do Homem sentar em seu trono de glória, também vós sentareis em doze tronos para reger as doze tribos de Israel. E todo aquele que por mim deixar casas, irmãos ou irmãs, pai ou mãe, mulher ou filhos, ou campos, receberá cem vezes mais e herdará vida perpétua (Bíblia do Peregrino).

Então Pedro disse:

– Vê: nós deixamos tudo o que é nosso e te seguimos.

Respondeu-lhe:

– Eu vos asseguro que ninguém que tenha deixado casa ou mulher ou irmãos ou parentes ou filhos pelo reino de Deus, deixará de receber muito mais nesta vida e vida eterna na era futura (Bíblia do Peregrino).

"Nós deixamos tudo e te seguimos". O que Pedro quis expressar quando disse essa frase? Pedro e o restante dos doze aguardavam alguma recompensa por terem se dedicado exclusivamente a Jesus. Jesus lhes responde que eles receberiam ainda *nesta vida* cem vezes mais do que deixaram. Mas se analisarmos com cuidado essa resposta dada por Jesus notamos que o que os apóstolos iriam receber em vida era uma nova família – a família cristã. Em Atos dos Apóstolos verificamos que muitos deixavam suas posses aos pés dos apóstolos (At 4.35), a multidão dos fiéis não chamavam de própria nenhuma de suas posses; ao contrário, tinham tudo em comum (cf. At 4.32).

No relato específico de Mateus aparece o elemento novo da promessa dos doze tronos aos discípulos. Primeiro Jesus se dirige aos doze com uma promessa escatológica. A *paliggenesia* é a nova criação (Is 65.17; 66.22). Quando Jesus glorificado ocupar seu trono real (Sl 110.1) como rei e juiz, também os doze apóstolos atuarão como juízes, julgando as tribos de Israel que não tiverem aceito Jesus como Messias. Outros interpretam como governo dos apóstolos na Igreja, o novo Israel, em que Jesus glorificado é o rei. Depois se dirige a todos, prometendo-lhes que "receberão o cêntuplo e herdarão a vida eterna". Será apenas uma promessa? Em tal caso, o cêntuplo chegará na consumação. Mateus distingue dois tempos como Marcos? Então o cêntuplo já se dá neste mundo, na vida da Igreja.

Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim (Mt 10.37).

Se alguém vem a mim e ama o seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos e irmãs, e até sua própria vida mais do que a mim, não pode ser meu discípulo (Lc 14.26).

Jesus ao proferir essas palavras almejava mostrar aos discípulos que há a necessidade de optar por Jesus sem reservas quando a família se opõe ao compromisso do discipulado ou faz ao futuro discípulo exigências conflitantes. Querendo ou não, o chamado de Jesus ao discipulado provavelmente acarretaria uma violenta divisão em certas famílias da Palestina (cf. Mt 10.34-36//Lc 12.51-53).

Os discípulos de Jesus não devem pensar que ele veio para trazer a paz na terra (ou talvez, a paz para a terra de Israel), mas sim uma espada de divisionismo: filho contra pai, filha contra mãe, nora contra sogra (a nora era obrigada a mudar-se para a casa dos pais do marido e tornar-se parte de sua família). Assim, as formas mais íntimas de vínculos sociais, os laços nos quais todo judeu palestino costumava se apoiar quando tudo mais falhasse, são exatamente os que Jesus viera afrouxar.⁴¹

3. Conclusão

A despeito do fato de os seguidores comprometidos com Jesus serem chamados de seus "discípulos" (*mathētai*, literalmente, "aprendizes"), o verbo "seguir" (*akoloutheō*) descreve sua atividade nos Evangelhos muito mais do que o verbo "aprender" (*manthanō*). Eles eram chamados literalmente a abandonar lar e família para seguir Jesus em suas jornadas, para partilhar e receber formação do seu ministério profético de proclamação do reino, com todos os perigos decorrentes, e não simplesmente para aprender a memorizar certos pronunciamentos doutrinários, legais ou éticos. Estudantes rabínicos, por certo, partilhavam a vida de seu mestre, imitavam sua conduta e memorizavam suas palavras. Mas isso não significava imitar um ministério de profecias e curas em um contexto escatológico. O discipulado de Jesus consiste basicamente:

- 1º) Jesus chamava a si a iniciativa de decidir quem poderia ser seu discípulo. Ele confrontava determinados indivíduos com sua ordem imperiosa para segui-lo, uma ordem que não admitia oposição ou demora.
- 2º) Portanto, ao usar o termo "seguir", ele não visava a fazer uma metáfora piedosa, mas queria dizer acompanhamento literal e físico em suas jornadas de pregação pela Palestina. Conseqüentemente, os que aceitavam o comando de segui-lo tinham que abandonar casa, família e outros vínculos aos quais estavam acomodados.
- 3º) Além dessas dificuldades, Jesus advertia seus discípulos de que poderiam enfrentar outros sofrimentos: hostilidade e mesmo oposição mortal, incluindo a oposição das suas próprias famílias alienadas.

Jesus fez uma exigência radical a seus discípulos: eles deveriam estar absolutamente comprometidos com ele e sua missão.

Os discípulos de Jesus possuíam como características:

⁴¹ Essa característica do discipulado é coerente com as tradições proféticas e, particularmente, apocalípticas de Israel, que vê o afrouxamento da lealdade nas unidades familiares como um primeiro sinal das tribulações dos últimos dias, tribulações muitas vezes simbolizadas por uma espada.

- 1º) Os discípulos de Jesus são marcados pela obediência a seu chamado peremptório, pela negação de si mesmos e exposição a hostilidade e perigo; esses três traços constituem a vida radical e severa dos discípulos de Jesus.
- 2º) Contudo, esse grupo radical, marcado, por tais traços, é ensinado a ser radicalmente aberto aos outros, mesmos aos que estão "fora dos limites".

Poderíamos ter descrito mais profundamente o discipulado, porém, isso tornaria o texto muito científico, a leitura teria que ser realizada de forma mais pausada e no final surtiria o mesmo efeito. Acredito não ter entrado por demais nas considerações textuais, históricas e metodológicas. Meu objetivo era descrever o discipulado instituído por Jesus. Contudo, decidi fazê-lo levando em consideração a crítica textual e histórica, hoje tão repudiada pelos que se autodenominam ortodoxos.

"A conversão é, provavelmente, mais difícil para o teólogo do que para os outros, e talvez esteja mais perto dela quem não aceita uivar com os lobos, nem zurrar com os asnos" (Ernst Käsemann, Tübingen, 15/08/1969).

Na segunda parte desse artigo analisarei as condições exigidas para se ingressar nas primeiras comunidades da Palestina. Esse exame se faz imprescindível a fim de notarmos quais modificações sofreram as exigências que fez Jesus aos seus contemporâneos que almejavam segui-lo. Será que essas exigências foram amenizadas com o decorrer do tempo e da mudança das condições econômico, política e sociais? Existiu uma mudança do *etos*⁴² da comunidade em razão da expansão do cristianismo para além das fronteiras judaicas? O ambiente citadino impôs mudanças no cristianismo?

Meeks nos dá uma pista:

"No mundo de cultura grega do Mediterrâneo oriental, transformado pelo poder e ordem romanos, as comunidades judaicas da terra natal e da diáspora constituíam caso especial. Dentro das múltiplas adaptações do judaísmo àquele mundo mais vasto, surgiu e difundiu-se o pequeno grupo dos seguidores de Jesus, tornando-os rapidamente também ele multiforme".⁴³

As exigências para se tornar um cristão nas comunidades paulinas serão verificadas na terceira parte desse artigo.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional (NVI)*, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

⁴² Etos: conjunto dos costumes e hábitos característicos de um determinado indivíduo, grupo, época ou região (HOUAISS, op.cit, p. 320).

⁴³ MEEKS, op. cit., p. 88.

